

O Humanismo, as Humanidades e suas manifestações curriculares

Beatriz Resende

Início agradecendo ao Professor Júlio Diniz, decano do Centro de Teologia e Ciências Humanas e aos que endossaram minha indicação para participar deste evento, reiterando a alegria que sempre me dá o acolhimento que venho recebendo da PUC-Rio há muitos anos. Dedico a presente reflexão a Renato Cordeiro Gomes, professor dessa instituição e parceiro de longa data.

A tarefa que hoje vocês retomam, as atividades do Instituto de Estudos Avançados em Humanidades (IEAHu) da PUC-Rio, é importantíssima, difícil e desafiante. Outras universidades têm tentado fazer funcionar um espaço como este, sem grandes sucessos, no Rio e em São Paulo.

As condições da PUC, onde a troca interdisciplinar parece mais fácil, inclusive pelo funcionamento desse agradável e potente campus da Gávea, assim como a excelência acadêmica em áreas das Letras e Ciências Humanas, jogam fortemente a favor de vermos amadurecer e se desenvolver, finalmente, um polo de investigações avançadas sobre Humanidades.

Juntar pesquisadores a quem a juventude garante disposição e vontade de construir experiências inéditas com pesquisadores a quem o tempo proporcionou o importante, indispensável, acúmulo de saber que só os anos permitem, os dois lados determinados a se abrir para o novo, parece-me ser uma fórmula destinada ao sucesso. Agora, retomar as atividades lançando um edital interdisciplinar, aí é um espetáculo! Parabéns.

A independência de um instituto como esse de injunções curriculares dos cursos regulares, como veremos adiante, e a possibilidade de juntar saberes de áreas diversas, pode tornar realidade o nosso tão difícil desejo de realizar pesquisas, debates e atividades que atravessem as grossas paredes desses nossos conventos modernos que são as universidades. Desejo, necessário, de cruzar as paredes que separam o dentro do fora – lá onde se passa a chamada vida real, a sociedade de que por vezes esquecemos que não

somos apenas intérpretes, mas parte integrante - e que também separam departamentos e unidades de ensino e pesquisa.

Aliás, a propósito desse *fora*, cabe observar a importância do recente artigo do Magnífico Reitor Prof. Josafá de Siqueira onde chama atenção para a necessidade de se realizar justiça social, tornando a sociedade mais inclusiva através de maiores possibilidades de acesso ao saber como forma até mesmo de conquista da dignidade.

Ainda sobre a pertinência da iniciativa do Instituto, lembro da observação de Jacques Derrida em seu livro *O olho da universidade*. Quando lhe propõem realizar um relatório sobre o que deveria ser um Colégio Internacional de Filosofia, afirma que este não deve ser um Colégio de Filosofia, mas um lugar de questionamento **sobre** a filosofia.

Desse modo, gostaria de tentar fazer uma reflexão sobre as condições e necessidades de hoje, nesse nosso difícil país, refletirmos sobre Humanismo e as Humanidades e o papel das universidades no debate.

Difícil falar em Humanismo num mundo onde crianças aportam mortas às praias de uma rica Europa que sempre se apresentou como espaço do Humanismo e hoje fecha suas fronteiras a refugiados, mundo globalizado de estados pós-nacionais onde bebês são assassinados com armas de gás pelo governante de seu próprio país.

Não falo, pois, desse amplo conceito de Humanismo, mas do Humanismo como prática crítica a que nós intelectuais nos dedicamos, entendendo com Edward Said o intelectual como

Um indivíduo com papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e seus interesses.¹

É interessante como Said sempre se apresentou como, antes de qualquer qualificação, um “humanista praticante”.

Professor, crítico e estudioso de literatura e cultura, em seu último livro, escrito no ano em que perde a luta contra a leucemia, 2003, *Humanismo e crítica democrática*, reconhece a dificuldade em falar do que chama de Humanismo *tout court*, ao mesmo tempo em que reconhece a presença impositiva do Humanismo em tudo que tem a dizer. O Humanismo a que se refere é – e chamo a atenção para a palavra do vocabulário marxista já em desuso naquele momento que utiliza – uma **práxis** (reunião de teoria e prática) utilizável para intelectuais e acadêmicos que desejem conectar esses princípios ao mundo em que vivem como cidadãos.

Caberia, então, pensar como essa práxis se realiza no trabalho do professor (erudito, se acadêmico) das Humanidades, nesse nosso mundo contemporâneo.

Se falamos de Brasil, a tentação de nos determos em nossas dificuldades cotidianas é grande. Aponto, resumidamente, as duas que me parecem principais.

A primeira é a organização do saber acadêmico em torno das injunções cósmicas do Planeta Lattes que habitamos. Ou seja, a permanente submissão à quantificação, à ordenação regida pela lógica das chamadas ciências exatas. Não só a legitimação do pesquisador humanista depende das instâncias submetidas - todas - ao ecossistema Lattes, mas também o financiamento de projetos e pesquisas que precisam se enquadrar desde as áreas de conhecimento ordenadas de forma esdrúxula até os comitês de avaliação ainda mais estranhos pelo grupamento que reúne seus membros.

Falo hoje bastante à vontade, pois incluída que estou nessa vaidosa bolha de pesquisadores não posso ser acusada de carregar mágoas, como geralmente se faz com os críticos do sistema.

A segunda diz respeito ao financiamento público de pesquisas. Chegamos praticamente ao fundo do poço (sempre pode ficar pior) com o fim do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, anexado ao pesado e suspeito Ministério das Comunicações.

Nesse ponto não estamos sozinhos. A ciência enfrenta as mesmas dificuldades e suas perdas são talvez ainda mais graves, trazendo prejuízos imediatos seríssimos inclusive a campos em que desempenhamos papel importante como na bioquímica e o controle de doenças tropicais.

O estado de falência da FAPERJ é especialmente lastimável para as Humanidades, aí incluindo-se as Artes. De todos os órgãos financiadores que conheço é o que mais sensível se mostrou à inovação, à criação artística e à inclusão de artistas não docentes às pesquisas.

O dinheiro curto, curtíssimo, e a submissão às diretrizes controladoras dos órgãos de apoio levou-nos a internalizar mecanismos de cobrança que se voltam rapidamente contra nós mesmos.

A liberdade acadêmica – ainda que a sala de aula me pareça o lugar de maior liberdade que podemos experimentar como estudiosos – rapidamente se vê submetida a uma política de resultados absolutamente fordiana.

A pesquisa se vê atrelada, de início, a editais criados segundo os interesses do momento, muitas vezes tolos ou óbvios, e ao final a prazos irreais. A pesquisa **interessada** torna-se uma ameaça ao livre pensar, à necessidade do erro, inerente ao próprio processo de pesquisa.

No livro já citado, Derrida (filósofo e também intelectual ligado às instituições as mais tradicionais) critica na Universidade o princípio da “pesquisa finalizada” que é uma pesquisa autoritariamente programada, orientada, organizada *em vista* de sua utilização.

Sabe-se cada vez melhor que, sem ser imediatamente aplicada ou aplicável, uma pesquisa pode ser rentável, utilizável, finalizável de maneira mais ou menos diferida.

Faz então oposição entre o fundamental (pesquisa desinteressada), e o que seria de antemão prometido a alguma finalidade utilitária. A preocupação do fundamental seria o conhecimento, a verdade, o exercício desinteressado da razão, unicamente sob a autoridade do princípio da razãoⁱⁱ.

Mas não vou ficar chovendo no molhado. Aliviada do protesto que não poderia deixar de fazer, gostaria de introduzir outro ângulo na questão dos estudos das Humanidades e campos de ensino e pesquisa a elas ligados.

Seguirei novamente o caminho de Said quando em “A esfera do Humanismo” faz uma espécie de balanço da trajetória recente dos estudos de Humanidades.

O que torna o ensaio tão interessante é uma espécie de motivação pessoal nesse intelectual que está morrendo e vendo muitas das lutas em que se empenhou, como a luta por um território para os palestinos, a paz entre árabes e judeus, perdas. O impulso é a crítica que o importante etnógrafo norte-americano, James Clifford, fizera ao seu livro talvez mais decisivo: *O Orientalismo*, obra que nos acostumamos a reverenciar.

Segundo Said, o fundamental da crítica de Clifford é considerar sua obra em desacordo com as teorias de Michel Foucault de que lança mão e, cito: “estar ambivalentemente enredado nos hábitos totalizadores do Humanismo ocidental”.

Realmente Clifford bateu forte. Em “On Orientalism”ⁱⁱⁱ, publicado em livro de 1988 (a mágoa de Said ficou guardada por anos), diz mesmo que o tema de Said é pensado como uma disciplina acadêmica fora de moda (old-fashioned), com apelo a um também fora de moda realismo. E, finalmente, afirma que “a perspectiva humanista de Said não se harmoniza com os métodos derivados de Foucault, que é um crítico radical do Humanismo”.

Said reconhece que em muitos pontos Clifford tem razão. No prestígio do estruturalismo e pós-estruturalismo nos anos 60 e 70, nos conceitos de morte do autor e outros, estaria a razão da derrocada do Humanismo tradicional e o seu teria ficado mesmo fora de moda.

Os movimentos sociais dos anos 70, especialmente o movimento feminista, fortemente enraizado na academia e suas pensadoras, tomando os estudos de Foucault e parte das

teorias de Derrida, criticam o pensamento humanístico unitário, identificando um discurso totalizante. São os anti-humanistas, para usar expressão daquele momento que repercuti inclusive entre nós.

Falaríamos, então, de um espectro do Humanismo?

Me parece que não. O fortalecimento das teorias pós-coloniais, as reflexões sobre a relação entre nação e cultura, o nacionalismo como problema e o conceito de pós-nacional, vão retomar questões e autores que teriam sido identificados com o Humanismo visto como tributário de pensamento totalizante. Com Homi Bhabha, Gayatri Spivak e outros teóricos do pós-colonialismo, com os novos estudos comparatistas na literatura, voltamos a Frantz Fanon e o Sartre do prefácio aos *Condenados da Terra*. A principal referência será, então, Edward Said.

No ensaio sobre o Humanismo, o autor segue com diversas observações numa espécie de autocrítica do ensino das Humanidades, mesmo garantindo não ver no Humanismo as tendências totalizadoras e essencialistas identificadas por Clifford.

A verdade é que a crítica e a autocrítica acabam apontando para vários pontos com que nos debatemos em nossas pesquisas e no ensino das disciplinas na área das Humanidades. Recusamos o cânone, mas temos segurança de que há grandes livros que precisam ser estudados, somos mesmo muito competentes em ensinar e valorizar o cânone literário e filosófico a nossos alunos.

Temos ainda grande dificuldade em trabalhar nosso próprio repertório, nossa bibliografia de formação e, ao mesmo tempo, apontar os desvios do pensamento eurocentrista. Não estamos sozinhos, o próprio Said, Bhabha e antes deles Raymond Williams recorrem ao repertório de referências eurocêntricas.

No estudo do contemporâneo nos ocupamos das teorias pós-coloniais, feministas, étnicas, estudos de gênero, diversos aspectos dos Estudos Culturais que fazem a crítica do anseio totalizante do Humanismo que antecedeu o surgimento desse *corpus* teórico, provocando o surgimento de novas epistemologias. Mas precisamos reconhecer que um Sartre faz sempre falta. Convivemos com a perda da centralidade da literatura, mas como dói!

Não há dúvidas, no entanto, de que as Humanidades, como um todo, perderam o papel preponderante que já tiveram, quando reuniam nelas o próprio conceito de universidade. Sua associação ao pensamento de elites intelectuais, o fechamento disciplinar, certa resistência conservadora em alguns campos das Humanidades às culturas populares e

mediáticas, ainda frequente, por exemplo, em muitos que se dedicam ao estudo da poesia, contribuiu em muito para isso.

No entanto, penso que ocasiões como essa de recriação de um Instituto de Humanidades são bons momentos para fazermos um balanço de algumas perdas que ficaram pelo caminho e buscarmos reconfigurar o que continua importante no ensino das Humanidades.

Cito a disciplina de meu campo que também Said menciona como sacrificada: a filologia, identificada com o que pode haver de antiquado e que, por alguns equívocos metodológicos próprios, foi enterrada sob a sombra da Linguística que surgia com roupagens de ciência. Hoje, quando não temos mais do que uns dois filólogos disponíveis, o curso que já foi até de pós-graduação na UFRJ desapareceu e nem mesmo no Departamento de Filologia da Casa Rui há mais filólogos. Diante da importância da contemporânea “crítica genética”, vemos a falta que o ensino da Filologia nos faz.

Tenho falado, ao me referir aos estudos de arte e literatura contemporâneas, que, assim como a arte hoje incorpora o provisório, o precário, o imediato a suas criações, também o discurso teórico precisa conviver com um grau de provisoriedade.

As artes e a reflexão humanista que se desenrola paralelamente a elas terminam sendo atravessadas por dúvidas, hesitação, incerteza, indecisão e pela necessidade de uma prolongada reflexão em busca de respostas.

Neste momento, porém, estou provisoriamente convencida de que as Humanidades representam a maior possibilidade de pensar politicamente o contemporâneo, se é que decidimos não abrir mão dele. E mais, porque são forçosamente políticas, as Humanidades não podem ser inofensivas ou acomodadas.

Os estudos das Humanidades continuam sendo o *locus* de convergência de múltiplas expressões artísticas que não podem mais ser estudadas – ou mesmo fruídas – separadamente.

Já concluindo, lembro que qualquer pesquisa ou atividade acadêmica e/ou artística para existir e chegar até aos usuários (para usar uma palavra do momento) precisa estar ciente também da convergência entre as disciplinas “humanísticas” e as novas tecnologias.

Nesse sentido, merece atenção um campo novo, as chamadas “digital humanities”, as Humanidades Digitais.

Em encontro internacional realizado em Paris, em 2011, os pesquisadores que se organizaram em torno da reflexão sobre o tema, e que se apresentam como “atores ou

observadores” (interessante essa quebra das hierarquias) das Humanidades Digitais, elaboraram uma espécie de Manifesto onde se auto definem.

Vale prestar atenção ao que propõem, cabendo observar a importância desses atores, muitos deles ciberativistas, recuperarem o conceito de Humanidades.

1. A opção da sociedade pelo digital altera e questiona as condições de produção e divulgação dos conhecimentos.

2. Para nós, as *digital humanities* referem-se ao conjunto das Ciências Humanas e Sociais, às Artes e às Letras. As Humanidades digitais não negam o passado, apoiam-se, pelo contrário, no conjunto dos paradigmas, *savoir-faire* e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital.

3. As *digital humanities* designam uma transdisciplina, portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das Ciências Humanas e Sociais.

Finalizo com a conclusão do próprio Said para sua reflexão sobre o Humanismo e o mundo intelectual e acadêmico numa homenagem ao pensador que nos faz, neste momento, tanta falta;

Nosso mundo intelectual e cultural não é hoje uma coletânea simples e evidente de discursos eruditos: é antes uma discordância em ebulição de notações não resolvidas.

Para dar voz a tais discordâncias precisamos, hoje, das Humanidades.

Boa sorte aos que concorrem ao edital e longa vida ao Instituto de Estudos Avançados em Humanidades da PUC-Rio.

ⁱ SAID, E. W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Cia das Letras, 2003. P. 25

ⁱⁱ DERRIDA, Jacques. *O olho da universidade*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, pgs. 138 a 149.

ⁱⁱⁱ James Clifford, *The Predicament of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1988)